

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA
EM ENTREVISTAS AOS PRESIDENCIÁVEIS AÉCIO E DILMA**

Tiago Alves Nunes (UFC)

tiagopark@gmail.com

Kleiane Bezerra de Sá (UFC)

kleianebezerra@gmail.com

RESUMO

O fenômeno da polidez linguística tem sido estudado de variados focos nos estudos linguísticos, com variados gêneros e contextos. A entrevista, como um gênero dialógico, é um tipo de enunciação pertinente para o estudo da preservação de faces e, assim, da polidez; a entrevista política, sobretudo por seu caráter temático ser, quase sempre, de assuntos polêmicos, favorece um uso maior de estratégias de polidez linguística e, por conseguinte, da preservação de face. Este artigo, portanto, objetiva investigar as principais estratégias de polidez linguística e preservação de face, propostas por Brown & Levinson (1987), dentro da entrevista política. Nosso *corpus* é composto por duas entrevistas aos presidentes brasileiros Aécio Neves e Dilma Rousseff, realizadas em 2014. Tais entrevistas ocorreram ao vivo em um telejornal. Verificamos, deste modo, que os recursos de polidez e preservação de faces são variados e que, quase sempre, as indagações são atos ameaçadores de face do entrevistado.

Palavras-chave: Polidez linguística. Entrevista política. Interação.

1. Introdução

Entrevistas são interações do tipo face a face em que o entrevistado e o entrevistador interagem verbalmente expondo, ambos, sua autoimagem social (face). As estratégias interacionais, determinadas socioculturalmente, possuem a finalidade de estabelecer, manter e garantir o bom desempenho de um evento, numa interação sem problemas. Neste trabalho, apresentaremos em nosso exercício de análise algumas das estratégias de preservação das faces, as quais envolvem estratégias de negociação e de polidez, presentes em entrevistas¹⁶ realizadas pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, a dois candidatos à presidência da república brasileira: a primeira ocorrida dia 11 de agosto de 2014, a Aécio Neves (16min01s); e a segunda transmitida no dia 18 de agosto do mesmo ano,

¹⁶ A íntegra das entrevistas pode ser verificada nos seguintes links: Entrevista a Aécio Neves: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/aecio-neves-e-entrevistado-no-jornal-nacional.html> Entrevista a Dilma Rousseff: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-no-jornal-nacional-.html>

a Dilma Rousseff (17min28s).

Em entrevistas, os envolvidos na interação verbal sempre correm o “risco de exibir o que desejam ver resguardado e deixar de colocar em evidência o que têm a intenção de mostrar” (GALEMBECK, 1999, p. 173). Para que isso não ocorra, os interlocutores da conversação adotam estratégias que proporcionam controle da construção de face, podendo ocorrer preservação ou ameaça da autoimagem, dependendo das exigências do contexto de interação. A preocupação com a imagem social sempre acompanha os indivíduos, e esse fenômeno pode ser claramente observado nas entrevistas objeto deste artigo. Daí a escolha por investigar o gênero entrevista, em especial, a política, na televisão, posto que é através desse evento comunicativo, que a população, ademais das propagandas, pode conhecer o ponto de vista de candidatos sobre temas fundamentais e polêmicos.

As estratégias interacionais possuem o objetivo de estabelecer, manter e garantir o bom desempenho de um evento numa interação. Dentre elas, apresentaremos as estratégias de preservação das faces as quais envolvem estratégias de negociação e de polidez, estratégias de polidez positiva, estratégias de polidez negativa, estratégias de polidez indireta, ameaça à face positiva e ameaça à face negativa. Buscamos mostrar, por meio da análise dessas entrevistas, como as faces positiva e negativa estão envolvidas na conversação do entrevistado, como são construídas, mantidas e ameaçadas pelos interlocutores, por meio do uso, ou não, de estratégias linguísticas de polidez. (ROSA, 1992)

Para fundamentar o exercício analítico que procuramos desenvolver, partimos das teorias de base para a polidez linguística, inicialmente o princípio da cooperação de Paul Grice (1982); a seguir, referimo-nos brevemente à noção de *footing*, a qual foi originalmente utilizada por Erving Goffman (1979) para análise de situações de interação face a face, bem como do conceito de face. Por fim, tratamos da teoria da polidez, a partir do desenvolvimento que Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987) proporcionaram ao conceito de face de Erving Goffman, mostrando que ela pode ser perdida, mantida ou intensificada, visto que é um conceito que possui um investimento emocional. Apresentamos um quadro com as estratégias de polidez linguística propostas por Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987) que, no todo, totalizam 40; e, em seguida, trazemos o exercício analítico.

Tal exercício analítico está dividido em estratégias de polidez po-

sitiva e negativa, estratégias de polidez indireta e atos ameaçadores de face positiva e negativa. Analisamos os referidos pontos a partir de excertos da entrevista feita a cada candidato.

2. Conversação e preservação de faces: alguns conceitos importantes

O modelo de comunicação de Paul Grice (1982) pressupõe que as pessoas aderem a uma certa regra de conduta para a conversação, buscando serem cooperativas umas com as outras. Esse procedimento envolve o respeito ao turno, esperam a sua vez de falar, fazem perguntas e esperam respostas, fornecem as informações necessárias ao serem solicitadas. Para Paul Grice (1982), portanto, os diálogos, geralmente, não consistem em uma sucessão de frases e observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos até certo ponto, esforços cooperativos.

O referido autor elabora o chamado *princípio cooperativo*, ressaltando que os interlocutores fazem a sua contribuição de modo que a conversação seja otimizada, no momento em que ela deve acontecer com o objetivo em andamento. Estrategicamente, para a ocorrência dessa forma comunicacional, Paul Grice sugere um conjunto de quatro máximas para que a conversação seja eficiente e bem-sucedida: A *máxima de quantidade*, que se refere à necessidade de que as informações sejam dadas em quantidade suficiente para que o texto seja compreendido; a *máxima de qualidade*, a qual explica que em uma interação verbal deve-se utilizar somente informações que sejam importantes para a manutenção da interação; a *máxima da relevância*, a qual é a adequação das informações ao contexto de interação; e, por fim, a *máxima de modo*, que se refere às formas de informações e expressão de ideias. (GRICE, 1982)

Arelado às máximas de Paul Grice, o conceito de *Footing* é importante por demais para a compreensão da polidez linguística. *Footing* foi introduzido por Erving Goffman (1979; 2002) e este “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (GOFFMAN, 2002, p. 107). A abordagem do *footing* foi originalmente utilizada pelo teórico para análise de situações de interação face a face; assim, buscamos utilizar essa ideia para a análise da interação que se efetiva nas entrevistas dos presidenciais de 2014, Dilma Rousseff e Aécio Neves, no período da campanha eleitoral.

Erving Goffman (1979; 2002) afirma que os participantes mudam constantemente seus *footings* enquanto falam, o que, segundo o autor, faz com que a mudança de alinhamentos esteja relacionada à linguagem. De acordo com o que afirma o autor (2002, p. 17), qualquer análise sobre *footing* exige que consideremos as situações socioespaciais envolvidas. Dentro desta perspectiva, é importante ressaltarmos que, apesar de as pesquisas de Erving Goffman estarem centradas em interações presenciais, o autor já fazia referências às formas indiretas de interação, mediadas por meios de comunicação de massa, conforme assevera Jordão Horta Nunes (2005).

3. A entrevista e as estratégias de polidez linguística

O momento político de uma democracia atinge o auge quando há eleições. É durante esse período que o povo pode avaliar as propostas dos candidatos aos cargos políticos, sobretudo o de presidência. É, assim, nesse contexto que ocorrem várias práticas de linguagem específicas desse momento, quais sejam: entrevistas, debates, propagandas. Cada manifestação carrega em si as marcas do gênero que serve como meio/ação para a obtenção do voto do eleitor. Agregadas a isso, também, há as marcas do posicionamento ideológico que os discursos por parte dos candidatos, quer queiram demonstrá-lo, ou não, evidenciam.

Aqui, especificamente, trabalharemos em torno do gênero entrevista e as marcas de polidez linguística que se evidenciam nos discursos dos candidatos já mencionados, com isenção de cunho político, uma vez que nossa tarefa é estritamente de cunho linguístico-analítico, embora saibamos que as estratégias utilizadas evidenciam determinados posicionamentos políticos e ideológicos. A escolha pelos candidatos mencionados explica-se pelo fato de estarem, à época, com os mais altos índices de intenção de votos. Antes, necessitamos compreender o porquê do trabalho analítico com o gênero entrevista.

Na esfera jornalística, ao lado dos gêneros *notícia* e *reportagem*, a *entrevista* parece ser um outro gênero bastante utilizado, seja de cunho oral ou escrito. Partindo do pressuposto de que a linguagem não é neutra, a entrevista, assim, dá voz ao entrevistado, fazendo com que este possa expor suas ideias, com suas próprias palavras, do fato tratado. É claro que estamos falando, nesse caso, de um jornalismo sério, que não trabalhe a serviço do poder hegemônico, que é comprometido com a ética e com as informações verdadeiras.

A entrevista se configura como um gênero do discurso que possui variadas formas: entrevista de emprego, entrevista científica, entrevista política; assim, suas formas diversas possibilitam, também, diversas finalidades e estilos (FREITAS, 2009). Quanto à sua manifestação, a entrevista aparece primordialmente como gênero oral (HOFFNAGEL, 2002). Por outro lado, tal gênero se apresenta, primordialmente, por “perguntas” e “respostas”, ou seja, em turnos de fala; as perguntas, por sua vez, de modo geral, são feitas previamente, a fim de que haja um direcionamento, desenvolvimento coerente dos temas e organização do gênero.

Dentre as várias formas de entrevista, detemo-nos, especialmente, na entrevista jornalística a políticos, que, conforme Patrick Charaudeau (2006, p. 215), define-se “pelo propósito de concernir à vida cidadã, e pela identidade do entrevistado”.

Portanto, pela relevância que possui o entrevistado, bem como pelo conteúdo exposto, a entrevista política é importante na tomada de posição do cidadão/eleitor ante os políticos/candidatos. Geralmente, quando se trata de uma entrevista a candidatos a cargos públicos, as entrevistas políticas lançam mão de temas polêmicos que possam, de certa forma, pôr em xeque determinados posicionamentos tomados pelos candidatos. É dentro desse contexto que ocorrem variadas estratégias de cunho linguístico-discursivo na preservação/manutenção de faces e, também, variadas estratégias no tocante à polidez linguística.

A entrevista é uma situação de interação em que os interactantes estão, constantemente, monitorando seu discurso. É nessa situação que os indivíduos mantêm e constroem a face, positiva ou negativa, tanto do interactante enunciador quanto do coenunciador, ou seja, deve haver uma cooperação por parte dos interactantes nesse processo. Assim, é através das estratégias de polidez linguística que os interactantes podem construir/manter suas faces ou desconstruir a face do outro.

A polidez linguística, por seu turno, tem seu realce nos estudos de Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987). Sua base teórica é variada: encontram-se nos princípios da cooperação de Paul Grice e, sobretudo, nos estudos de Erving Goffman sobre a imagem social – teorias já discorridas anteriormente; outrossim, tal teoria dialoga com a sintaxe e a análise da conversação.

Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987) desenvolvem o conceito de face de Erving Goffman, mostrando que ela pode ser perdida, mantida ou intensificada, visto que é um conceito que possui um inves-

timento emocional. Assim, se não mantida, o interactante pode ser humilhado, ficar em uma situação embaraçosa ou *perder sua face*. O que Erving Goffman nomeou de face e território, Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987) usam, respectivamente, face positiva e face negativa. Enquanto aquela diz respeito a tudo o que o enunciador quer que seja aprovado, que seja respaldado; esta, por sua vez, é tudo o que o enunciador quer preservar, ou seja, quer manter seu “território” em defesa.

Se a face, de acordo com os autores supracitados, precisa ser mantida, preservada ou intensificada, é porque existe o discurso que a ameaça. A conversação é uma prática de linguagem profundamente monitorada por essa preservação: interagir significa lançar-se ao perigo de *perder a face*. Assim, há os atos *ameaçadores de face*, que podem ameaçar ora a face positiva (crítica, insulto) ou negativa (ameaça, conselho, ordem) do ouvinte, ora a face positiva (desculpa, confissão) ou negativa (proposta, promessa) do locutor (BROWN & LEVINSON, 1987). Ademais, agregamos, aqui, o posicionamento de Guimarães (2010), de que os atos ameaçadores de face podem ameaçar, também, a face de uma terceira pessoa.

Quando um dos interactantes usa um ato ameaçador de face, que pode ter várias influências no seu uso, o outro usa, em geral, uma estratégia como defesa, ou seja, usa-a a fim de manter sua face “intacta”, longe de qualquer comprometimento.

Os interactantes, ao escolher uma estratégia, podem fazê-lo de acordo com um menor grau de comprometimento com a fala até um total comprometimento com o dito. Há as estratégias *on-record*, pelas quais o falante se compromete com o dito e há as *off record*, pelas quais o falante evita se comprometer com o dito. No caso das *off-record*, fica a cargo do outro interactante fazer a devida interpretação do enunciado, sendo, assim, uma estratégia *indiretiva*. Por fim, há as estratégias *bald on-record*, pelas quais o falante não se importa com o “como será dito” e sim com o próprio “dito”. A importância é dada, então, à informação, em detrimento da maneira como essa informação é enunciada (BROWN & LEVINSON, 1987). Para esta última, os autores não propõem estratégias.

Na estratégia *on-record*, especialmente, há a polidez positiva, que focaliza manter a fase positiva do ouvinte, de modo que o falante procura não confrontar o interlocutor e, por outro lado, há a polidez negativa, pela qual o falante procura manter a fase negativa do ouvinte. Como apontam Leonardo Lennertz Marcotulio e Sabrina Lima de Souza (2007, p.

2), “há um desejo básico de manutenção do território e de autodeterminação”.

A seguir, há as estratégias de polidez linguística propostas por Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987). O quadro a seguir é uma versão adaptada do trabalho de Leonardo Lennertz Marcotulio e Sabrina Lima de Souza (2007).

Estratégias de polidez	
On-record – Polidez positiva	1. Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro.
	2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro.
	3. Intensifique o interesse pelo outro.
	4. Use marcas de identidade de grupo.
	5. Procure acordo.
	6. Evite desacordo.
	7. Pressuponha, declare pontos em comum.
	8. Faça piadas.
	9. Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro.
	10. Ofereça, prometa.
	11. Seja otimista.
	12. Inclua o ouvinte na atividade.
	13. Dê ou peça razões, explicações.
	14. Simule ou explícite reciprocidade.
	15. Dê presentes. (simpatia, qualidades)
On-record – Polidez negativa	1. Seja convencionalmente indireto.
	2. Questione, seja evasivo.
	3. Seja pessimista.
	4. Minimize a imposição.
	5. Mostre respeito.
	6. Peça desculpas.
	7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes "eu" e "você".
	8. Declare o FTA como uma regra geral.
	9. Nominalize.
	10. Vá diretamente como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.
Off-record – Indiretividade	1. Dê pistas.
	2. Dê chaves de associação.
	3. Pressuponha.
	4. Diminua a importância.
	5. Exagere, aumente a importância.
	6. Use tautologias.
	7. Use contradições.
	8. Seja irônico.
	9. Use metáforas.

	10. Faça perguntas retóricas.
	11. Seja ambíguo.
	12. Seja vago.
	13. Hipergeneralize.
	14. Desloque o ouvinte.
	15. Seja incompleto, use elipse.

Fonte: Brown & Levinson (1987); Marcotulio & Souza (2007).

É importante frisar que Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987) propõem essas estratégias com base em seus estudos e, assim, possuem o ponto de vista de que tais estratégias são universais, ou seja, há a visão de que a cultura é homogênea. É nesse quesito que sua proposta sofre mais crítica. Nesse trabalho, não obstante, não negamos o fato da heterogeneidade cultural, porém é dentro do caminho epistemológico proposto pelos referidos autores (1987) que trabalhamos na análise do *corpus*, que se dá na seção seguinte.

4. Exercício de análise

Como já mencionado, nosso *corpus* é composto por duas entrevistas cedidas pelos candidatos, à época, à presidência da república brasileira Aécio Neves, do Partido Social da Democracia Brasileira (PSDB), e Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), em agosto de 2014, a um telejornal da Rede Globo de televisão. Apesar de a entrevista haver sido oralmente, o portal de notícia da rede televisiva disponibiliza, na íntegra, sua transcrição; é com essa transcrição que trabalharemos na análise.

4.1. Estratégias de polidez positiva

4.1.1. Candidato Aécio

No discurso do senador Aécio Neves, as estratégias de polidez positiva foram as mais utilizadas. Essas estratégias evitam um embate direto com o ouvinte, que, nesse caso, é o entrevistador. Nesse contexto, o telespectador também é um ouvinte direto na entrevista, por mais que ele não participe fisicamente da expressão do gênero. Ora, a entrevista política a candidatos a cargos políticos, feita pelo jornalismo, tem como principal destinatário o leitor/telespectador, uma vez que as perguntas são de interesse público e, mais ainda, as respostas dos entrevistados são direcionadas não ao entrevistador, especificamente, mas ao público do qual ele

quer conquistar o voto. Daí o uso em sua maioria dessas estratégias. Vejamos alguns exemplos:

1. Bonner, eu tenho que **agradecer muito a oportunidade** que você me dá de tocar nesse tema (...)

2. (...) Porque **essa desconfiança** em relação ao nosso país **afugenta os investimentos**. E os investimentos indo embora, **os empregos vão embora**. Olha, o saldo da balança comercial de manufaturados, dos produtos que mais agregam valor, produzidos no Brasil, no ano passado, foi negativo em R\$ 107 bilhões. Sabe o que isso significa? **Que os empregos que deveriam estar sendo gerados no Nordeste brasileiro, no Centro-Oeste, no Norte, estão sendo gerados na Ásia e em outras partes do mundo.**

No exemplo 1, há o uso da estratégia de exageração de interesse, o que é normal nesse tipo de entrevista. Isso é demonstrado pelo intensificador “muito”, que eleva a importância de esclarecer determinado tema naquela ocasião. Esse ato dá credibilidade no que diz respeito à não-fuga por parte do entrevistado às questões mais polêmicas, mantendo, de certa forma, a face positiva do entrevistado. Já no exemplo 2, há o uso da estratégia de inclusão do ouvinte: quando o senador diz que desconfiança no país afugenta os investimentos, ele traz à entrevista o eleitor investidor que não estaria gostando dessa situação e, mais adiante, quando assevera que empregos estão desaparecendo, ele traz algumas regiões que estariam sofrendo com a falta de desemprego. Essa estratégia, o que seria um ato ameaçador de face do ouvinte, é atenuada pela aproximação dele à situação e pelo entendimento que os ouvintes podem fazer entorno da compreensão que o candidato possui sobre sua possível situação.

4.1.2. Candidata Dilma

1 Não. Não *acho*, não *acho*, até porque, Patrícia, o Brasil precisa também de uma reforma federativa, porque há responsabilidades federais, estaduais e municipais.

2 Eu só estou querendo dizer que, *pra mim*, nós estamos superando a dificuldade de enfrentar uma crise sem demitir, gerando emprego e renda.

Na língua, dentre as várias estratégias de polidez, há os verbos modais (acredito, penso, acho etc.). Nesses fragmentos da entrevista, Dilma Rousseff faz uso de marcadores de atenuação. Quando utiliza “não acho” deixa claro que sua fala é a sua opinião, ela não objetiva ser a dona da verdade. Por outro lado, segundo Rosa (1992), a expressão “para mim”, utilizada no exemplo 2, é um dos tipos de marcadores usados nas interações cotidianas para reduzir os efeitos indesejados e serve para

exemplificar sua opinião, bem como estratégia de polidez.

Estratégias de polidez negativa

4.1.3. Candidato Aécio

É muito recorrente, nas entrevistas, haver um respeito entre entrevistado e entrevistador. Isso se materializa, por exemplo, pelo uso do pronome de tratamento “senhor” ou “senhora” por parte do entrevistador, que é uma estratégia clara de preservação da face negativa do entrevistado. Vejamos um exemplo:

1. Candidato, quando o *senhor* critica a situação da economia brasileira, o senhor tem dito que (...)

Quando se usa as estratégias de polidez negativa, quer-se manter o “território”, de modo a não *perder a face*, nos termos de Penelope Brown e Stephen C. Levinson (1987), principalmente quando os assuntos são polêmicos, como é o caso de corrupção política. Na entrevista a Aécio Neves, ao ser indagado sobre uma possível corrupção na construção de um aeroporto em terras de sua família e pelos escândalos do PT sobre a corrupção e, também, sobre a não confiança do povo em relação a ambos partidos, PSDB e PT, o candidato responde:

4. [...]No caso do *PT* houve uma condenação pela mais alta corte brasileira (...). [...] O que eu posso garantir é que, no caso do *PSDB*, se eventualmente alguém for condenado, não será, como foi no *PT*, tratado como herói nacional (...)

No trecho acima, o candidato usa a impessoalidade para falar dos escândalos em que o partido do qual faz parte e do partido de sua adversária estão envolvidos. O uso dessa estratégia minimiza a responsabilidade com o enunciado, de modo que o falante se distancia do tema, evitando, assim, expor sua face.

4.1.4. Candidata Dilma

1 *Nós criamos* as condições para o país dar um salto, colocando a educação no centro de tudo. E isso significa, Bonner, que *nós queremos continuar* a ser um país de classe média.

No exemplo, Dilma Rousseff opta pela impessoalização, embora a pergunta do entrevistador houvesse sido direta. Dessa forma, ela adota a estratégia de polidez negativa e “impessoaliz[a]” o falante e o ouvinte,

evit[ando] os pronomes eu e você”. (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 322)

Estratégias de polidez indireta

4.1.5. Candidato Aécio

Em relação a essas estratégias, são uma forma de indiretividade e, por vezes, fuga ao tema exposto, posto que o falante não se compromete com o seu enunciado e, assim, preserva sua face, passando a responsabilidade de entendimento do que está sendo dito ao ouvinte. (BROWN & LEVINSON, 1987)

Segundo os entrevistadores, os economistas de Aécio Neves concordavam com sua medida para o setor, porém também reconheciam que tais medidas não eram o bastante, de modo que quando o senador Aécio foi indagado sobre as medidas econômicas que tomaria junto com seus economistas, se caso ganhasse as eleições, o candidato respondeu:

1. Bonner, eu tenho dito em todos os fóruns e aqui, a vocês, de forma muito clara. Vou tomar as *medidas necessárias* a que o Brasil retome o ritmo de crescimento minimamente aceitável. [...] O que o brasileiro quer? Transparência. Um governo que tenha coragem de *fazer aquilo que seja necessário*. Nós vamos, sim, enxugar o estado.

O candidato, claramente, usa a estratégia *off-record* de vagueza, de imprecisão, denotado pelo sintagma “medidas necessárias”. A pergunta feita pelo entrevistador ameaça a face positiva do senador e foi uma indagação direta, que, de certo modo, requeria uma resposta objetiva. No entanto, o senador se exime de uma resposta categórica em relação às “medidas impopulares”.

4.1.6. Candidata Dilma

1. *Muitas pessoas*, inclusive, se afastaram porque é muito difícil resistir à pressão da família ou à apresentação da pessoa como tendo praticado um crime.

2. *Eu não vou tomar nenhuma posição que me coloque em confronto, conflito, ou aceitando ou não*. Eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira.

No excerto 1, a candidata sabe que citar nomes dos condenados de seu partido pode ser perigoso à sua face, são ameaçadores por natureza,

assim, ela adota polidez indireta para não se comprometer, para deixar o ouvinte fazer interpretações e se esquivar da responsabilidade de seus enunciados. Da mesma maneira, Dilma Rousseff utiliza um recurso de polidez indireta no exemplo 2, pois não quer ser responsabilizada por enunciados comprometedores, deixando ao ouvinte o papel interpretativo.

4.2. Atos ameaçadores de face positiva

4.2.1. Candidato Aécio

Praticamente todas as perguntas feitas ao entrevistado Aécio Neves foram atos de ameaça à sua face positiva. A pergunta a seguir representa um ato de ameaça à face positiva do candidato tucano, pois se trata de uma questão polêmica.

1. A minha pergunta é sobre usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua. Isso não lhe constrange?

4.2.2. Candidata Dilma

1. Nenhum procurador-geral da República foi chamado, no meu governo ou no do presidente Lula, *de engavetador-geral da República*. Por quê? Porque também *escolhemos, com absoluta isenção, os procuradores*.

2. Bonner, primeiro, nós enfrentamos a crise, *pela primeira vez no Brasil, não desempregando, não arrochando os salários, não aumentando os tributos*, pelo contrário, diminuímos, reduzimos e desoneramos a folha. *Nós enfrentamos a crise, também, sem demitir*.

Em entrevistas, muitas vezes, a harmonia interacional é impossível de ser conservada, e os interactantes ameaçam suas faces, as de seu interlocutor e as de outras pessoas que surgem como tópico conversacional da entrevista. Notamos que no exemplo 1, o uso de “engavetador-geral da República”, que faz referência aos procuradores-gerais da república do governo antecessor, PSDB, reforça que todos os procuradores de seu governo, o PT, são escolhidos com isenção, responsabilidade, inferindo-se que os de seu opositor não o seriam.

No trecho 2, a candidata à reeleição, à época, diferencia o modo dos dois governos de enfrentar a crise, afirmando que pela primeira vez o país não precisou desempregar, aumentar tributos, sem “arrochar” salários e sem demitir. Ao tempo que ela qualifica seu governo, desqua-

lifica a oposição, configurando-se como ameaça à face positiva do PSDB.

4.3. Atos ameaçadores de face negativa

4.3.1. Candidato Aécio

No exemplo a seguir, o entrevistador faz uma pergunta ao candidato Aécio, indagação essa que ameaça a face negativa do senador, posto que há uma certa divergência de atitudes por parte do presidenciável, segundo o entrevistador. Logo, instaura-se uma divergência de opiniões. Vejamos:

1. A sensação que dá para muitos eleitores, é que *o senhor, sim, aprova o desempenho do PT* nessa área, na área social. *Por que então esses eleitores iriam querer mudar de presidente?*

4.3.2. Candidata Dilma

1. Veja bem, Bonner. Eu *não sei*, eu *não sei* da onde que estão seus dados, mas nós estamos...

Dilma Rousseff usa, em sua resposta, um marcador de atenuação, um *hedge* (ROSA, 1992) indicador de incerteza, deixando claro que não reconhece as informações do entrevistador, mas não quer comprometê-lo diretamente dizendo que os dados apresentados por ele estão errados. Ela, então, minimiza esse provável “erro” tentando não criar uma situação constrangedora, preservando, assim, sua face em relação ao ato ameaçador.

5. Considerações finais

Neste trabalho, verificamos como as estratégias de polidez linguística bem como os atos ameaçadores de face positiva e negativa são convocados numa entrevista televisiva política. Percebemos, de modo geral, que as estratégias *on-record* de polidez positiva e as estratégias *off-record* são mais utilizadas nas entrevistas as quais utilizamos como *corpus*, quicá pelo caráter parcialmente de concordância da primeira e indiretivo da segunda, posto que há o desejo de convencer e ganhar o voto do eleitor, e, por outro lado, o embate direto com o entrevistado e com o público, que por vezes é convocado de modo indireto a participar da entre-

vista.

As estratégias estão diretamente relacionadas aos *princípios de cooperação* de Paul Grice, especialmente porque os candidatos dão informações suficientes e importantes para a manutenção da comunicação, ao mesmo tempo em que preservam suas faces e, por vezes, ameaçam a face de terceiros, mantendo, na medida do possível, suas faces (*footing*).

É pertinente, também, ao analisar as estratégias de polidez, um olhar para o contexto enunciativo de produção do texto, bem como para o gênero no qual o evento comunicativo foi produzido, a fim de, por um lado, fazer uma análise mais acurada dos discursos e, por outro, conclusões pertinentes, posto que essas variáveis favorecem o uso de determinadas estratégias, como é o caso da entrevista jornalística a políticos, gênero este sobre o qual nos detemos e investigamos como as estratégias de polidez linguística e preservação de faces funcionam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen. Recorrências e rupturas no gênero discursivo entrevista: uma análise a partir do texto acadêmico. In: *Anais dos V SIGET – Simpósio de Estudos de Gêneros Textuais*. 5, Caxias do Sul, 2009.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino Fioravante. (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1999.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Teles; GARCÉZ, Pedro de Moraes. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *Les rites d'interaction*. Paris: Les editions de Minuit, 1979.

GRICE, Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: Unicamp, 1982.

GUIMARÃES, Sílvia Bragatto. *A construção de face e a (im)polidez lin-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

guística em entrevistas da Veja. 2010. Dissertação (de Mestrado em Estudos Linguísticos). – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos/Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 180-193.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; SOUZA, Sabrina Lima de. A teoria da polidez de Brown e Levinson aplicada ao português brasileiro: desafios e propostas. In: *Anais da I Semana Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Departamento de Letras da FFP/UERJ. São Gonçalo, 2007.

NUNES, Jordão Horta. *Interacionismo simbólico e dramaturgia: a sociologia de Goffman*. São Paulo: Humanitas; Goiânia: UFG, 2005.

ROSA, Margaret. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.